

CAROLINA
MARIA DE
JESUS

casa de
alvenaria

COLEÇÃO CADERNOS DE CAROLINA

Conselho Editorial

Conceição Evaristo (coord.)

Vera Eunice de Jesus (coord.)

Amanda Crispim

Fernanda Miranda

Fernanda Felisberto

Raffaella Fernandez

CADERNOS
DE CAROLINA

CAROLINA MARIA DE JESUS

casa de
alvenaria

VOLUME 1: OSASCO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by Herdeiras de Carolina Maria de Jesus

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico
Estúdio Daó

Foto de capa

Paisagem n. 124, 2021, acrílica e óleo sobre tela de Lucia Laguna, 180 × 140 cm.
Reprodução de Manuel Águas.
Cortesia da artista e de Fortes D’Aiola & Gabriel, São Paulo/ Rio de Janeiro.

Foto de quarta capa
Acervo UH/ Folhapress

Imagens de miolo

Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik, localizado na cidade de Sacramento (MG)

Pesquisa e estabelecimento de texto
Conselho Editorial Carolina Maria de Jesus

Transcrição dos manuscritos
Ayana Moreira Dias, Bruna Cassiano, Selma Raymundo Pontes e Verônica Sousa

Atualização ortográfica e notas
Érico Melo

Nota biográfica
Bruna Cassiano

Revisão
Adriana Moreira Pedro
Tatiana Custódio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977
Casa de alvenaria, volume 1 : Osasco / Carolina Maria de
Jesus. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021. —
(Cadernos de Carolina, 1)

ISBN 978-85-359-3069-6

1. Diários 2. Literatura brasileira I. Título II. Série.

21-68638

CDD-869.35

Índice para catálogo sistemático:

1. Diário : Literatura brasileira 869.35

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Nota sobre esta edição, 7

Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina

 Maria de Jesus — *Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus*, 9

OSASCO, 25

Sobre a autora, 213

Sugestões de leitura, 217

NOTA SOBRE ESTA EDIÇÃO

Alfabetizada em dois anos de grupo colegial, na década de 1920, Carolina Maria de Jesus (1914-77) aprimorou seu domínio da norma culta do português escrito por meio da paixão pela leitura, exercitada nos intervalos da luta diária pela sobrevivência nas ruas de São Paulo. Esse domínio autodidata, portanto, não chegou a se completar segundo o padrão ortográfico-gramatical vigente durante os anos de sua atividade literária.

A fim de resguardar a integridade da voz e da escrita de Carolina, esta nova edição de *Casa de alvenaria* conserva toda a diversidade de registros presente nos manuscritos, considerando-os marcas autorais imprescindíveis para a adequada recepção de sua obra. O critério básico da intervenção editorial foi, dessa forma, o de manter todas as grafias destoantes dos dicionários do início da década de 1960, quando o livro foi escrito.

Há poucas exceções: pronomes pessoais como “ê” e “aquê” e “ê” e formas diferenciais de verbos e substantivos (“fôsse”, “retôrno”, “almôço”) sofreram atualização para desanuviar a leitura de diacríticos desnecessários. No entanto, preservou-se a variabilidade entre formas com e sem acento, própria de termos como “despêjo” e “despejo”, para citar uma palavra capital na obra de Carolina. “Flôres”, “pôços”, “proletárias” e “preocupo-me”, entre outras, conservaram o direito de ostentar acentos obsoletos e/ou expressivos que denotam etapas pretéritas do aprendizado linguístico da autora, bem como, provavelmente, sua prosódia característica — na origem mineira de Sacramento, no Triângulo, e paulista da capital na maturidade. O mesmo se aplica à pontuação, com vírgulas, pontos e outros sinais dispostos exatamente como no fluxo dos manuscritos, e às construções verbais e nominais de concordância dissonante, entendidas como ferramentas de construção literária.

Quando possível, buscou-se manter a ordem cronológica dos acontecimentos. Trechos ilegíveis foram assinalados com o símbolo [**]. Quando houve salto na narrativa, independentemente do motivo (cadernos incompletos, folhas esparsas etc.), o sinal adotado foi [·:].

Ainda há escritos inéditos deixados por Carolina, muitos dos quais permanecem dispersos. As transcrições destes diários se basearam nos cadernos que estão sob a guarda do Museu Histórico Municipal — Corália Venites Maluf, em Sacramento. A obra de Carolina é viva e permanece em construção, de modo que é possível que se encontre, no futuro, mais material correspondente ao período abarcado por esta edição de *Casa de alvenaria*.

OUTRAS LETRAS: TRAMAS E SENTIDOS DA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus

*Falavam que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que eu
tenho audácia.*

Carolina Maria de Jesus

Ler *Casa de alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus, é penetrar no universo íntimo de uma das autoras mais instigantes da literatura brasileira. É ir ao encontro de uma escritora que se apresenta com uma complexidade anunciada desde a sua estreia na literatura, em 1960, com a publicação de um diário intitulado *Quarto de despejo*. Embora o livro seguinte, *Casa de alvenaria*, lançado em 1961, tenha surgido quase como uma “consequência” do enorme sucesso do primeiro, o texto, agora publicado na íntegra a partir dos manuscritos da escritora, ajuda a elucidar várias questões relativas à entronização de Carolina Maria de Jesus na cena literária da época e oferece ao público leitor uma melhor compreensão do boom causado por *Quarto de despejo*.

A escrita de um segundo diário, nomeado pela escritora como *Casa de alvenaria*, se deu por um gesto de comando do jornalista Audálio Dantas — aquele que impulsionara a publicação de *Quarto de despejo*, colocando Carolina em evidência como escritora, além de se constituir também como uma espécie de agente literário e orientador de sua carreira. Embora a autora tenha deixado explícita sua vontade de se dedicar a outros gêneros textuais, por “obediência”, por um sentimento de “gratidão” que ela reconhecia dever a ele, o livro foi concebido. A tônica de sua segunda obra, porém, é outra, como veremos adiante.

Em *Quarto de despejo*, Carolina relatava sua luta para sobreviver em São Paulo enfrentando as agruras da fome. Aliás, sobre a fome descrita pela escritora, temos insistido que se tratava de uma fome mais profunda, e não somente a privação, a carência material, mas uma fome física, como metáfora do vazio, da dor, do inexplicável, da vacuidade existencial. Parece haver má vontade para a compreensão semântica da fome contida na escrita de Carolina. Entretanto, nenu-

ma dificuldade é colocada para se entender os versos da canção “Comida”, lançada pelos Titãs em 1987: “Você tem sede de quê?/ Você tem fome de quê?// A gente não quer só comida”. Antecedendo em quase três décadas a reflexão do grupo de rock paulistano, Carolina registrou que seu padecimento ia além de uma panela vazia: “Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (*Quarto de despejo*, doravante *QD*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961, p. 72) e “Não há coisa pior na vida do que a própria vida” (*QD*, p. 145) — frase esta que reaparece em *Casa de alvenaria*.

O segundo livro de Carolina coloca veementemente para quem lê as indagações da autora sobre o sentido da vida. Percebe-se uma escrita vazada por perguntas existenciais, por sentimentos que denotam inconformidade com o destino, apesar da perspectiva de resolução das questões materiais que haviam atormentado a escritora em um passado recente, vivido por ela. No entanto, satisfazendo aos desejos do jornalista e talvez contando com a expectativa do público, que tinha se extasiado com a fome registrada no diário anterior, Carolina deveria escrever outro diário a partir do novo momento que estava vivendo. Seria narrada a escalada de uma mulher negra que, antes pobre e favelada, se via em plena ascensão social após ser “descoberta” por um jornalista. E, mais ainda, aquele deveria ser um diário que falasse da vida, da atualidade, dos fatos, dos acontecimentos presentes. Sobre isso, a escritora ponderava:

23 DE NOVEMBRO DE 1960

Não estou tranquila com a ideia de que dêvo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, pode destruir-me. [...]

Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro.

Mas o Audálio diz que eu devo escrever Diário, sêja feita a vontade do Audálio. (*Casa de alvenaria*, doravante *CA-Osasco*, p. 144)

Acreditava-se, ainda, que um segundo diário causaria o mesmo efeito bombástico que o primeiro livro vinha causando no Brasil e no exterior. Surge então uma obra composta na urgência do dia a dia, apresentando um cotidiano em princípio não mais marcado pela fome, mas pela pressa, pela correria, pelo ir e vir, pelas consequências de

uma Carolina transformada em mercadoria, em um produto a ser exposto, em um bem de uso público, requisitado para as mais diferentes funções. Uma Carolina cuja presença era solicitada em reuniões políticas, religiosas e culturais; que recebia pedidos de auxílio financeiro, indicações para emprego. Nesse emaranhado de solicitações, havia também cumprimentos, inclusive da polícia política da época, por ocasião de seu aniversário. Essa condição foi percebida e registrada pela escritora nas páginas de *Casa de alvenaria*: ela se sentia usada e compreendia que tinha se tornado uma “moeda de câmbio”. Repudiou muitas vezes o sucesso que estava alcançando, que não lhe permitia se entregar totalmente ao prazer da glória, porque se via impedida de fazer o que mais gostava, o que precisava para se aguentar, para dar sentido à sua vida: ler e escrever. Para Carolina, essas duas ações constituíam, para usar uma expressão atual, sua “zona de conforto”, um espaço interno em que o sujeito pode se aninhar em si mesmo. Ler e escrever eram, para ela, formas de apaziguamento interno.

Percebendo o ônus de seu sucesso, o preço de sua glória, Carolina Maria de Jesus beirava o desespero, embora desfrutasse também os prazeres, os encontros, as viagens e os amores que a nova vida lhe oferecia. Mas continuava buscando, nas palavras de Virginia Woolf, “um teto todo seu” para exercer seu ofício de escritora, para poder ser poeta, que era como se sentia. Avaliando as condições materiais, o entorno e as pressões emocionais em que Carolina produzia sua escrita, percebemos como a literatura dela foi construída em situação totalmente adversa do que Woolf reivindicava para que uma mulher pudesse escrever.

Casa de alvenaria apresenta uma Carolina indiscutivelmente vocacionada para a escrita — mas que não queria produzir mais um diário. Diversas vezes, a escritora explicita o desejo de produzir outros estilos de literatura, como romances, contos, poemas, e se mostra ávida por experimentar outros campos de criação, como a música, o teatro. E assim o fez, contrariando o desejo de seu tutor, cujo domínio perdurou somente um ano, porém de dias intensos. Como ela mesma afirmou, “Eu sou igual a água, se faz um dique impedindo o seu curso, ela vae evoluindo-se e transpõe” (*CA-Santana*, p. 119).

E assim segue Carolina Maria de Jesus compondo *Casa de alvenaria*, que não se alinha a um modo típico de diário. A forma particular de apresentação do conteúdo revela uma autora que transita por gêneros variados, construindo uma criação própria, mesmo sob as ordens do jornalista. Embora o texto apresente as características fundamentais

do estilo — registro manuscrito, concebido em primeira pessoa, com datação dos acontecimentos relativos ao cotidiano do sujeito da escrita e apresentação de seus sentimentos e segredos —, algo, porém, foge da estrutura tradicional do que seria considerado diário, revelando outras vozes que visitam o texto da autora. A certa altura, traz a extensa narrativa de uma mulher que está com a casa hipotecada e insiste em pedir ajuda a Carolina, entregando-lhe uma carta na qual relata toda a situação. A autora então intitula tal correspondência de “Diário” e a encaixa em seu próprio diário. Para indicar que se trata do relato alheio incorporado ao seu, Carolina diz: “Ela deu-me o seu diário para eu ler. Heis o Diário. São Paulo 22 de dezembro de 1937 — nesta data que foi eu me casei” (*CA-Santana*, p. 157). A partir daí, o diário da outra é incorporado pela escrita de Carolina e passa a ser lido nas páginas de *Casa de alvenaria*.

Esse gesto parece apontar alguns caminhos que a escritora desejava seguir. Observa-se que o estilo da escrita da mulher se assemelha ao de Carolina. Tem-se a impressão de que a escritora criava uma personagem para a pessoa real que insistia em lhe pedir ajuda e inscreve essa história no interior de seu próprio texto, por necessidade de criar uma ficção — como já dito, um desejo explicitado várias vezes em trechos como este: “Eu não gosto de escrever Diário. [...] Quero escrever romances dramas e tenho que escrever Diário” (*CA-Santana*, p. 218).

Apesar do diário encomendado, Carolina Maria de Jesus seguiu escrevendo e lendo. Lamentava, porém, o tempo restrito que tinha para se dedicar ao que mais gostava de fazer: ler e escrever. Essa pulsão para a escrita já era perceptível desde *Quarto de despejo* e aparece como uma necessidade premente em *Casa de alvenaria*. Vislumbramos ali uma autora com um projeto literário: anuncia duas obras já terminadas, *Cliris* e *Onde estaes felicidade?*, e outro livro ainda em processo, cujo título seria *Reminiscência*. Além disso, Carolina recebe convites para escrever argumentos para filmes.

Buscar entender o universo da escrita de Carolina Maria de Jesus é deparar com uma criação muito peculiar de um discurso literário em que o processo da escrita precisa ser pensado para além do que a gramática, os dicionários, os livros escolares, os mestres da língua portuguesa, o sistema de ensino da língua e a escola permitem e oferecem. É preciso considerar fundamentalmente que estamos diante de um registro literário produzido por uma pessoa cuja construção do processo de letramento se deu de maneira muito especial: os ca-

minhos da aprendizagem da leitura e da escrita trilhados por Carolina foram marcados mais por um autodidatismo do que pela frequência à escola. As lições recebidas no ambiente formal de ensino, isto é, na escola, somaram-se dois anos apenas, correspondentes às etapas iniciais do processo de alfabetização.

É preciso lembrar, ainda, que Carolina Maria de Jesus nasceu nos princípios do século xx, em 1914, ou seja, somente 26 anos após a assinatura da Lei Áurea. A escritora experimentou, desde a infância, todas as dificuldades que marcaram a vida dos descendentes dos ex-escravizados no período conhecido como pós-abolição.

Como se trata de alguém que enveredaria, mais tarde, pelos caminhos da literatura, essa experiência autodidática não deve ser romançada nem desprezada, mas sim investigada: o modo como Carolina conseguiu criar métodos tão singulares de apropriação da língua portuguesa para construir uma competência própria para a escrita. Nesse sentido, o autodidatismo de Carolina e a temática por ela adotada constituem-se como pontos diferenciais profundos de sua obra em relação à literatura que estava sendo produzida em sua época, nos anos 1960. Pode-se afirmar, porém, que Carolina Maria de Jesus, produzindo a partir de uma capacidade adquirida por um processo autodidático, cria uma tradição literária em que sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la.

Ao longo do tempo, as injunções da história brasileira sempre favoreceram às classes dominantes o acesso à escola e ao estudo em todos os níveis. Nesse sentido, grupos minorizados pelo poder se apossam da leitura e da escrita como parte de sua luta pelo direito de autorrepresentação, autorizando assim os textos de suas histórias, na medida em que agenciam uma autoria própria. No caso de Carolina Maria de Jesus, o ato de escrever empreendido pela escritora amplia seu gesto para o de se *inscrever* no sistema literário brasileiro.

O Conselho Editorial entende que a inscrição e a incorporação sem ressalvas da obra de Carolina Maria de Jesus se iniciam a partir do modo como são olhados e tratados seus manuscritos. Sob essa perspectiva, o escopo do nosso trabalho foi recolher os textos de Carolina a partir dos originais e transcrevê-los da forma mais fidedigna possível. Esse mesmo princípio de fidelidade à escrita manuscrita orientou a defesa de nosso ponto de vista: a publicação de *Casa de alvenaria* precisa trazer toda a engenhosidade de Carolina Maria

de Jesus, representada em sua maneira de lidar com as palavras; suas construções frasais; seus modelos clássicos de linguagem, pelos quais a escritora tinha desejos e encantamentos; sua pertença aos lugares de falas populares; seu acento mineiro; seu estilo de pontuação; sua entonação oralizada, que ela intencionava transportar graficamente para o texto, e, por fim, sua fala nos moldes do “pretuguês” — termo cunhado e defendido por Lélia Gonzalez em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, de 1984, usado para assinalar que a língua falada no Brasil tem forte influência das línguas faladas pelos povos africanos aportados no território brasileiro, em consequência da escravização.

Nossa proposta foi deixar a literatura, a escrita de Carolina *poder ser*, sem as tantas interferências que aconteceram nas publicações passadas e mesmo em algumas mais recentes. Pensamos uma reedição que permitisse ao público leitor acompanhar o processo criativo da escritora e entender como se deu, para ela, a apropriação e o uso da linguagem literária. A publicação de *Casa de alvenaria* na íntegra, sem outra intromissão a não ser a do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa — sem o qual o livro teria circulação restrita —, foi uma defesa ferrenha do Conselho Editorial, argumentação a que a editora ouviu e aceitou.

O registro diferenciado da língua portuguesa por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* foi entendido e julgado como um texto mal escrito, dissonante da linguagem permitida. Entretanto, uma leitura cuidadosa — não só de sua primeira obra e de outros escritos, mas também deste *Casa de alvenaria* — mostra um sujeito de criação consciente de que escrever é um exercício de linguagem, motivo pelo qual a autora se empenhava em fazer a escolha das palavras com tanto afínco. Ela arquitetou seu estilo a partir de um material linguístico variado, buscando os registros oferecidos pelos compêndios gramaticais da língua portuguesa, lendo os poetas parnasianos, deixando-se seduzir por expressões raras e algumas até arcaicas, como “abluir”, “nívea”, “promanar”, “inciente” e outras. Seu estilo era capturado pelo sotaque mineiro e por termos muito usados nas Gerais — “minino”, “ritira”, “sugestã”, “canseira”, “escolado” —, denunciava trazer em si o “pretuguês”, trocando o “l” pelo “r” (“impricante”) — marca de línguas africanas aportadas no Brasil nas quais o som da letra “l” não existe —, e ainda incluía a criação de neologismos. Como Carolina mesmo afirmou, “Há lugares que os verbos são insuficientes!” (CA-Osasco, p. 204).

Resulta disso sua escrita em movência, com laivos de clássica, desusada, apurada, adornada, exuberante, simples, direta, esquecida das peias gramaticais, crua, irônica, poética. Tudo em movência, nada fixo, nada que caiba nos contornos de uma classificação fechada, definida. Como classificar os trechos a seguir, frutos de uma linguagem tão diferenciada?

30 DE NOVEMBRO DE 1960

[...] Os cultos tem um lugar ao sol. A raça preta não deve ser indecisa. Não projetar, mas procurar realizar concretisar, só [*.*] os ideaes — Declamei as “Noivas de maio”. — O prefeito gostou da poesia. A poesia tem erros gramaticaes. Não ha possibilidade de correção. É uma advertência social.

[...] O retorno foi delicioso. Eu vinha revendo as lavouras. Vi uma casa bonita. Plantaram uma roseira e a haste entrelaçou-se nas paredes estava florida. Gostaria de residir naquela casa. Mas, agora eu sou uma cigana viajando de um lado para outro. Quando chegamos em Porto Alegre a ponte do Rio Guaiba estava reerguendo-se para dar passagem ao navio que sin-grava. Espetaculo belissimo. (CA-Osasco, pp. 153-4)

27 DE ABRIL DE 1961

[...] Passei a nôite escrevendo. Dormir das três as cinco.

[...] A esposa de um guarda-civil estava chorando, dizendo que o seu esposo havia expancado-a com um chicote. Ele bebe. Fiquei ouvindo as mulheres queixando-se dos espôsos. A dignidade de um homem fica com-balida quando uma mulher revela as cenas intimas no lar. Recordei que havia dêixado toucinho fritando sai as pressas. (CA-Santana, p. 298)

16 DE MAIO DE 1961

[...] Supondo que sou inciente. Se eu fosse inciente não lutava para imprimir um livro, porque sei que o livro é mêio de vida.

Eu tenho pavor das pessoas que querem teleguiar-me. O meu erro foi não ter casado. Mas, eu não encontrei um homem culto que quizesse utilizar a minha capacidade. Tem homem que pensa que a mulher deve ter um filho por ano. E ser dona de casa. Esquecendo que se a mulher tiver

capacidade deve utilizar-la. Quem revela capacidade estimula os outros. Enaltecendo o país.

Quando uma pessoa começa azucrinar a minha diretrizes de viver, vou odiando taes individuos. Vou desligando deles lentamente até não mais vê-los: vou imitando a garôa paulista que não cae aos jarros mais humidade. (CA-Santana, p. 333)

Sim, a linguagem, a escrita de Carolina Maria de Jesus está em constante procura do “melhor dizer”, como toda pessoa que tem a palavra como ferramenta de trabalho. Seu desejo, seu esforço e sua necessidade de se apropriar daquilo que é julgado como o melhor da língua aparecem revelados em seus projetos de voltar ao ensino formal. Anotações em *Casa de alvenaria* demonstram sua intenção de retornar à escola para fazer a terceira e a quarta séries, além de registros de conselhos que recebia para estudar português, sugestões que ela parecia aceitar de bom grado. Há também o relato do que teria sido uma ocasião muito desconcertante — para não dizer humilhante — ao ser criticada por alguém no momento em que dava um autógrafo.

Ainda que não tivesse o estudo formal da língua portuguesa, Carolina lia Camões, Euclides da Cunha, *As mil e uma noites*, lendas gregas, jornais e tudo que lhe caía em mãos. Ouvia rádio também — novelas, discursos políticos, o programa *A hora do Brasil...* — e colecionava ditados populares, provérbios, versinhos. Amava poesia. Sua escrita vinha como paz e como tormento.

Talvez nenhuma escritora ou escritor no Brasil tenha sido tão versátil no uso da linguagem como Carolina Maria de Jesus, na medida em que transitava entre um registro que tendia ao “casto” e ao “puro” e também se entregava ao que a língua pode ter de mais comum: a urgência da fala, o papel de comunicação nas instâncias populares, em que a emissão de voz visa à comunicação, ao “papo reto”, sem os volteios das regras gramaticais.

Com uma dicção marcada não pela carência, mas sim por uma abundância criativa, a escritora deixa uma obra sui generis, em que uma *gramática do cotidiano* organiza um período ou um sintagma afinado com uma concordância popular, ao lado ou em continuidade a uma organização frasal rara, própria da norma culta da língua. Seu ecletismo gramatical pode ser observado em construções verbais e em colocações pronominais como estas:

26 DE DEZEMBRO DE 1960

[...] Hoje é o meu dia aziago. Deus me livre de ter dinheiro. Porque as pessoas que já deu-me esmolas, vem pedir-me favôres. (CA-Santana, p. 36)

1º DE MARÇO DE 1961

[...] E as pessoas cultas sabem agradecer. São iguaes a brisa — Quando perpassa arrefece, suavisa. Já os brutos são iguaes as tempestades. Assemêlha os furacões. (CA-Santana, p. 199)

21 DE MARÇO DE 1961

[...] Eles impõe que eu escreva a verdade. Mas, não posso dizer-lhes as verdades. Eu escrevia ficção. Porque a verdade tem o sabôr acre. Impuzeram-me... Tem que escrever Diário. (CA-Santana, p. 244)

Apropriando-se da língua portuguesa e do ato da escrita como direito, Carolina Maria de Jesus se pronunciava, se apresentava como escritora, se reconhecia como poeta, percebendo, contudo, o campo minado em que a sua peleja estava sendo travada. Sabia que a literatura, para além da arte, é um campo de exclusão para determinados grupos sociais e étnicos. Respondendo a uma crítica de jornal em que foi acusada de “pernóstica”, Carolina pergunta em *Casa de alvenaria*: “Sera que o preconceito existe até na literatura? O negro não tem o direito de pronunciar o classico?” (*Osasco*, p. 69).

E quem lê Carolina confundindo a condição social que ela enfrentou com o seu gesto de criação corre o risco de perder os múltiplos sentidos de sua obra. Ela foi incansável na sua busca por um modo melhor de dizer, de melhor se expressar e de melhor escrever. Tudo em Carolina Maria de Jesus era movimento, era procura, era movência. Uma leitura atenta de *Casa de alvenaria* nos permite perceber como a linguagem de Carolina foi se modificando, aproximando-se da “norma aceitável”, pois ela mesma ia aparando, ajeitando, estudando e corrigindo o seu texto. Da mesma forma que sua escrita ia se modificando, suas análises sobre o social e a questão racial também mudaram. Se em *Quarto de despejo* nota-se uma intransigência da

escritora em relação aos nordestinos, em *Casa de alvenaria* ela pede perdão pelos julgamentos anteriores que fizera deles.

Em Carolina há ainda contradições, severidade e julgamentos preconceituosos contra as pessoas que não pautam a vida e os afetos segundo os padrões heteronormativos. Em relação à condição das mulheres também existem algumas posições ambíguas. Argumentava em favor da liberdade feminina — afirmando não ter se casado para poder ser livre, independente — e apresentava coragem suficiente para demonstrar seus afetos, desejos e interesses diante dos homens que lhe agradavam, entretanto valorizava um comportamento bastante conservador para as mulheres casadas. Acreditava que as esposas deviam honrar seus maridos, mas opinava a respeito dos homens que sufocavam as mulheres em suas qualidades.

Quando lemos a obra da escritora, apreendemos a imagem de uma mulher em sua errância, em sua busca por um espaço, porém ela não cabia em lugar algum, pois os espaços eram pequenos e incompreensíveis para com ela. Carolina Maria de Jesus, ave sem pouso, talvez tenha passado a vida procurando um lugar tanto físico como simbólico para se aninhar, uma peregrinação que começou na infância, quando diz: “Dêsde os meus sete anos que estou procurando um local para estacionar e dizer: ‘aqui eu estou bem!’” (*CA-Santana*, p. 86). Talvez, Carolina, só agora sua errância a conduza a um lugar que é todo seu: a inscrição de seu nome, de sua obra, na literatura brasileira.

E sobre essa mulher, Carolina Maria de Jesus, a que tinha “audácia e não sorte”, o texto que melhor a descreve é o de sua filha, Vera Eunice, que tem o som da voz da mãe ainda guardado e vivo nas lembranças.

REMINISCÊNCIAS DE MINHA MÃE

Carolina sonhava em adquirir uma casa de alvenaria e sair da favela com seus três filhos, mas não foi assim que aconteceu. Os quatro deixaram a favela do Canindé sob pedradas e se mudaram para Osasco, passando a morar num porão oferecido por um empresário. Sua aspiração levou um grande golpe, e ela logo percebeu que sua nova vida não seria somente flores — ainda haveria muitos espinhos pelo caminho.

Ali começava o arrefecimento da imagem construída pelo repórter

Audálio Dantas, mas Carolina, deslumbrada e *ilusionada*, via pela primeira vez seu nome grafado na capa de um livro. Seu sonho enfim havia se tornado realidade.

Segurava-o no alto, a certa distância, e murmurava admirada:

QUARTO DE DESPEJO
CAROLINA MARIA DE JESUS
DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Carolina sempre valorizou muito o estudo e não deixava de enaltecer sua primeira e única professora. Estava ciente de que aquele um ano e meio em que se sentou num banco escolar, numa sala de aula, foi o que a levou a ganhar o mundo da literatura e, com ele, chegar à casa de alvenaria e viver na tão sonhada “sala de visitas”. Mas rapidamente notou que teria muitos dissabores: “Queixei para o jornalista, que vou dessistir da imprensa. Ele disse-me: ‘A senhora entrou no mar, precisa ter cuidado com as ondas’” e “Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita. Uma sala que estou procurando um lugar para sentar...”.

Embora fosse aplaudida onde quer que passasse, já notava a onipresença do racismo (“quando estou entre os brancos, tenho a impressão que eles detestam a minha presença”), mas não deixava de se orgulhar da cor negra, do nariz chato e do cabelo crespo, marcas de sua origem africana: “Eu gosto de ser preta. A minha côr, é o meu orgulho”.

Cada vez mais decepcionada com a sala de visitas (“Tenho a impressão que estou num mundo de joias falsas. O que noto na sociedade é o fingimento: — E eu que não sei fingir estou dessolada neste núcleo”), Carolina começava a se tornar paulatinamente uma pessoa amargurada:

Eu pensava que a vida na casa de alvenaria era cheia de encantos e lirismo.
— Enganei. Tenho a impressão que estou dentro do mar lutando para não afogar.

Quando eu estava na favela tinha ilusões da vida de cá — pensava que isto aqui fosse o paraíso.

Sabia que a fama de que era rica lhe era muito prejudicial em todos os sentidos, tanto nos serviços que eram prestados a ela como nas mais diversas e quase diárias solicitações de ajuda de aproveitadores

— às quais ela tentava resolver da melhor forma possível. Isso ficou evidente certa vez que fomos ao Hospital das Clínicas:

Quando cheguei ao Hospital das Clínicas o médico de plantão reclamou com voz irônica:

— Imagina só: trazer esta criança aqui por causa de coçeira.

[...] Percibi o descaso do médico. [...] O descaso do médico é devido os buatos que circulam que estou rica.

Carolina estava repleta de compromissos. Viajava bastante para autografar seu livro — o mais vendido naquele momento —, era muito solicitada pela mídia e cuidava dos afazeres domésticos e da reforma da casa que havia comprado no bairro de Santana, por sugestão de Audálio. Nós, os filhos, ainda estávamos nos adaptando àquela mudança abrupta, porque antes morávamos na favela e repentinamente passamos a frequentar hotéis e a almoçar em restaurantes requintados (“O José Cárlos molhava o pão no guaraná, é que eles já comêram limonada com pão, quando eu não tinha café”).

Não demorou para que a vizinhança começasse a arranjar problemas. Embora os meninos fossem mesmo bem levados, Carolina sentia que seus filhos estavam sendo rejeitados por outros motivos: “O que tenho pavor é de residir na rua Benta Pereira. Se uma criança entra na minha casa as mães correm e ritiram os filhos dizendo: ‘Filhos, vocês não devem brincar com os filhos da Carolina!’”.

Minha mãe era muito enérgica conosco, não admitia que roubássemos ou que não estudássemos. Quando nos tornamos adolescentes, exigia que trabalhássemos e que nunca pedíssemos nada a ninguém, e sempre nos dizia que teríamos que conseguir tudo o que quiséssemos na vida através do trabalho e do nosso próprio esforço.

Nessa época, Carolina ainda não estava acostumada a manusear grandes quantias de dinheiro, mas tinha ciência da proporção que a sua vida tinha tomado e tentava assimilar sua nova condição. Preocupava-se muito com sua falta de estudo e queria se aprimorar, por isso lia bastante e sempre consultava dicionários:

Era uma vez uma preta que morava no inferno saiu do inferno e foi pro céu. Olhando o senhor Jorge Amado pensava:

— Ele... estudou. Eu não Ele, pode escrever sosinho. Eu preciso do Audálio devido a minha deficiência cultural, tenho que ser teleguiada. E os teleguiados, são infelizes.

Politicizada, Carolina tinha uma visão considerável do assunto e sempre fazia análises da política brasileira de maneira crítica, consciente e inteligente. Frequentava inclusive o palácio do governo, na avenida Rio Branco, e era bem recebida mesmo trajando roupas rotas e simples.

Ha os que dizem que o Janio tem a mania da renuncia. Que ele tinha o Brasil ao seu dispor.

E o Getulio? Tinha o poder na mão e perdeu a vida. O senhor Tancredo Neves não conseguiu formar o seu ministerio, renunciou. O Auro de Moura Andrade, recusou ser o primeiro ministro. E o saudoso Brochado da Rocha que perdeu a vida por cansaso mental.

Nas épocas eleitoraes é uma vergonha. Todos querem ser politicos. Para mim o Brasil é uma vaca que todos querem mamar no Brasil. É o povo pagando impôsto com a finalidade que o governo vae aplicar o seu dinheiro melhorando as preriferias e as cidades do interior, mas o dinheiro, é gasto nas corridas de cavalo, nas praias.

Quando minha mãe conversava conosco, os versos iam surgindo no meio do assunto — até mesmo durante as brigas. Aquele palavreado culto já fazia parte do nosso cotidiano, porque ela se expressava em versos até na dor, sem deixar o lirismo que lhe era peculiar:

*Deus! tenha de mim clemência.
Protejei a infausta poetisa
Deste-me, tanta inteligência...
Que... me martirisa!*

Os sonhos de Carolina foram realizados em parte, pois mesmo tornando-se escritora e conseguindo tirar os filhos da favela e proporcionar-lhes ao menos o estudo, ainda não se sentia feliz: “Tenho a impressão que a minha vida tem duas faças. Uma de cobre, outra de ouro. Ou então eu era um carvalho frondôso e agora... As folhas estão amarelando-se e desprendendo-se até reduzir ao pó”.

Além de desgostosa com a nova realidade na qual vivia, era principalmente com Audálio que se sentia aborrecida (“‘Eu escrevo o livro e o senhor retira-me da favela.’ [...] Mas o Audálio, não retirou-me da favela. Retirou apenas o livro. Porque o livro ia dar-lhe dinheiro”). Certa vez, quando nos encontramos, fiz esse questionamento ao jor-